

Reação equivocada à crise econômica faz dívida disparar

Expansão de gastos e incentivos ao consumo adotados para tentar superar a recessão global desencadeada pela quebra do banco Lehman Brothers, em 2008, resultou em baixo crescimento econômico e endividamento público elevado

RH Rosana Hessel

postado em 12/09/2018 06:00 / atualizado em 12/09/2018 00:16

Depois do furacão

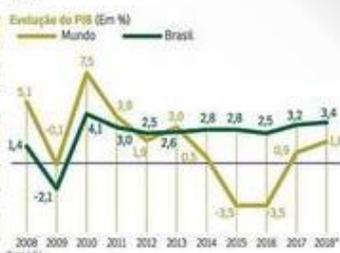
Como estavam as principais economias emergentes e desenvolvidas antes e depois da quebra do Lehman Brothers, que desencadeou a última crise financeira global (em %)

| | PIB/2008 | DÍVIDA/2008** | PIB/2018* | DÍVIDA/2018* |
|----------------|------------|---------------|------------|--------------|
| Argentina | 4,0 | 50,5 | 1,9 | 54,1 |
| Bolívia | 6,1 | 36,2 | 4,0 | 51,4 |
| Brasil | 5,1 | 64,9 | 1,6 | 87,3 |
| Chile | 3,5 | 4,9 | 3,3 | 23,8 |
| China | 9,6 | 27,0 | 6,6 | 51,2 |
| Índia | 3,9 | 74,5 | 7,3 | 68,9 |
| Coreia do Sul | 2,8 | 26,1 | 3,0 | 38,8 |
| México | 1,1 | 42,5 | 2,3 | 53,5 |
| Panamá | 6,6 | 40,8 | 5,6 | 37,6 |
| Paraguai | 6,3 | 18,1 | 4,4 | 26,4 |
| Peru | 9,1 | 27,9 | 3,7 | 26,9 |
| Rússia | 5,2 | 7,4 | 1,7 | 18,6 |
| África do Sul | 3,2 | 26,5 | 1,5 | 54,9 |
| Uruguai | 7,2 | 59,8 | 3,4 | 66,2 |
| Venezuela | 5,3 | 20,3 | -15,0 | 381,9 |
| Alemanha | 0,8 | 65,1 | 2,5 | 59,8 |
| Grécia | -0,3 | 109,4 | 2,0 | 191,2 |
| Espanha | 1,1 | 39,4 | 2,7 | 96,7 |
| Reino Unido | -0,5 | 49,9 | 1,6 | 86,3 |
| Estados Unidos | -0,3 | 73,7 | 2,3 | 108,0 |

*Previsão
** Dívida pública bruta em % do PIB

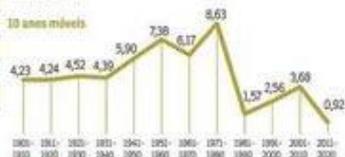
Retratação

Em meio a medidas equivocadas do governo para sair da crise, o país mergulhou em uma recessão e se descolou do crescimento global.



O Brasil nunca cresceu tão pouco

Taxa média de expansão do PIB nos últimos 10 anos é a menor da história (em %)



Fontes: FMI e Fultz Preston, com base em dados do IBC, do Ipea e do BC

Dez anos após a hecatombe financeira global deflagrada pela quebra do banco de investimentos norte-americano Lehman Brothers, em 15 de setembro de 2008, o Brasil, que parecia ter saído da crise primeiro, cresce muito pouco e vê a dívida pública aumentar, na contramão do resto do mundo. Naquela época, quando Wall Street registrou o maior tombo desde 20 de julho de 1933, o governo brasileiro achou que tinha conseguido contornar a crise com o estímulo ao consumo. A fórmula funcionou até 2010, quando o país cresceu em ritmo chinês, mas, para especialistas, o erro foi não saber quando parar.

A dívida pública bruta do governo geral estava em 62% do Produto Interno Bruto (PIB), em 2008, deve alcançar 87,3% no fim do ano deste ano, segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI) — percentual acima dos 77% previstos pelo Banco Central, que não inclui na conta os títulos do Tesouro Nacional que possui em carteira. Pela metodologia do FMI, a dívida já chegou a 85,5% do PIB no fim de julho, quase o dobro da média dos países emergentes, que é de 48%.

Para especialistas, o patamar de endividamento é preocupante, e só vai de estabilizar quando o governo voltar a registrar superavit primário, o não ocorre desde 2014 e, pelas contas da Instituição Fiscal Independente (IFI), do Senado Federal, só deve acontecer em 2022. Segundo o economista Marcos Lisboa, presidente do Insper, se a dívida atingir o patamar de 90% a 100% do PIB, “o país deverá entrar em uma crise muito mais severa”, porque a inflação, hoje controlada, poderá voltar com força, já que uma das saídas para cobrir a dívida é emitir moeda.

O economista-chefe da Austin Rating, Alex Agostini, reforçou que países emergentes, como Índia e China, crescem muito mais do que o Brasil, porque são menos endividados e alocaram boa parte da poupança do país em investimentos em infraestrutura, coisa que não foi feita aqui. “O Brasil gastou muito mal. E é obvio que, quando se gasta mal, cria-se uma incerteza grande para os investidores”, explicou, lembrando que mais de 90% das despesas do governo são rígidas e que, por isso, sobra muito pouco para investir.

“A China cresce bastante, porque gasta de forma correta. Na época da crise, o país asiático investiu bastante em infraestrutura, enquanto aqui o governo preferiu continuar assistencialista e gerou um ciclo de fatores negativos que desaceleraram o crescimento. Nos preparamos para uma marola e não para um tsunami”, ironizou Agostini, usando as palavras do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva que, na época, taxou a crise global de “marolinha”.

Ficou para trás

Fernando Montero, economista-chefe da Tullett Prebon, usa uma imagem do atletismo para resumir a trajetória da economia brasileira nos 10 anos que se seguiram à quebra do Lehman Brothers, que precipitou a economia global numa crise de grandes proporções. Para ele, a impressão que fica é de que o “país queimou a largada”. “O Brasil acelerou primeiro a retomada, mas desmaiou na segunda parte da corrida”, resumiu. Hoje, além de crescer menos que a média global, entre as economias da América Latina, “o Brasil ganhou apenas da Venezuela e de El Salvador”.